

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma

**Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

A ÁGORA DE ATENAS CORACÃO DE UMA URBE COSMOPOLITA

MARIA DE FÁTIMA SILVA
Universidade de Coimbra
fanp@ci.uc.pt

Abstract

Greek comedy is a good testimony of contemporary Athens. Its urban plan, movement in the streets, but mainly the agora, as they appear in the Aristophane's plays, give a real portrait of a cosmopolitan city.

Keywords: agora, Athens: commerce, population, war.

Palavras-chave: ágora, Atenas, comércio, guerra, população.

Como retrato da realidade que a circundava, a comédia deu, da Atenas do seu tempo - cidade onde nasceu e que reproduziu na cena de Dioniso -, uma imagem que adivinhamos fiel sob a capa deformante da caricatura. Uma leitura atenta de Aristófanes revela, da cidade, um traçado que desce ao pormenor. São primeiro as muralhas, orgulho e grandeza de Atenas, sinal da sua segurança e autoridade, mas também fronteira entre cidade e campo, a criar fractura entre uma população que, dentro dos bastiões, se defende da destruição que o inimigo dispersa já pelos subúrbios, e a cintura urbana onde os aldeões sofrem, com mais violência, a razia causada pela guerra. Intramuros acumula-se uma sociedade heterogénea, numerosa, activa, que tenta resistir aos anos difíceis da crise com o fervilhar das ideias, das discussões, dos negócios. Múltiplos, os espaços públicos animam-se, desde as primeiras horas da manhã, de gentes mescladas, na maioria distribuídas em grupos anónimos, que no entanto identificam uma sociedade democrática e aberta; como de figuras marcantes que, na sua individualidade, tipificam uma época e um estádio cultural. É sobretudo a praça pública, no centro da cidade, a concentrar boa parte da policromia social do quotidiano. Mas, nas vizinhanças, a Acrópole, a Pnix, os edifícios públicos, que abrigam o funcionamento das instituições ou respondem à necessária prestação de serviços, multiplicam-se. A circulação nas ruas prima pelo engarrafamento, recintos cheios, gentes que se acotovela, ao ritmo da vida congestionada de uma grande cidade. A marginalidade e o pequeno crime interferem numa ordem social, posta em causa pela própria agitação da vida citadina. O roubo, a agressão, o incómodo da lixeira que inunda as ruas, pechas agravadas com o cair da noite, dificultam o dia-a-dia dos Atenienses. Fora do centro, nos bairros periféricos, a miséria acumula-se,

numa denúncia de dificuldades gritantes, a multiplicar fronteiras e hierarquias dentro do espaço urbano. É natural, portanto, aquele olhar sonhador que o cidadão lança sobre os campos, à distância, como sobre uma espécie de paraíso, que o milagre da mesma distância torna utopicamente perfeito.

Sobre a anarquia da cidade pondera alguma preocupação urbanística, abonada pela popularidade de especialistas na matéria, como o célebre Méton¹. Preocupação que não retira à Atenas do momento a sua índole tendencialmente caótica, na imagem traçada pela comédia. A cidade vive dentro do esplendor das suas muralhas, que, além de imponentes como logótipo de um bastião poderoso, desempenham uma função protectora em tempo de guerra. Não sem que vozes de reprovação se ergam a censurar uma certa atrofia que essa cintura de pedra veio trazer a uma cidade que mal respira, retalhados os seus cidadãos entre uma malha urbana apertada e a exposição dos campos à investida inimiga (*Eg.* 817-818).

Passada a barreira de segurança que controla o acesso, a cidade humana do último quartel do séc. V a. C. pouco mantinha da ordem antes exigida às novas gerações, como escola dos cidadãos do futuro. A caminho da aula de música, em tempos que já lá vão, as crianças do mesmo bairro seguiam tranquilamente, em formação organizada, vestidas de roupa ligeira apesar da neve que fustigava os caminhos (*Nu.* 964-965). Sobre essa ordem, o desenvolvimento explosivo da cidade impôs o bulício e o movimento constante de uma urbe que parece não dormir. 'Lavradores, comerciantes, artesãos, metecos, estrangeiros, insulares' (*Pax* 296-297, cf. *Av.* 489-492), animam, noite ainda, as ruas da cidade, a caminho dos postos de trabalho que repartem uma vasta população activa, da solução de uma missão ou de simples turismo no caso dos que visitam Atenas. Corporações há que se movimentam em conjunto, depois de uma ronda casa a casa, como os juízes, companheiros de Filócleon, madrugada ainda, a cantar pelas ruas velhas melodias de Frínico, qual senha de uma velha geração (*V.* 218-221, 268-269). Ainda que protegida, a circulação urbana dá mostras do clima de guerra que prossegue para além dos seus muros, no vaivém de gente armada, lanças e escudos luzindo entre a multidão que vive uma falsa normalidade (*Pax* 353-356). Como da crise é também sintoma a população rústica que agora se acumula nas ruas, desadaptada à vida cidadina, desempregada, carente de um naco de pão e, por isso, presa fácil das promessas de políticos e demagogos (*Pax* 632-636, *Ec.* 276-279). É natural, em todo este movimento de um dia-a-dia cada vez mais perturbado, que o comentário político cruze as ruas, dando voz a um desencorajamento que penetra o colectivo e que se espelha naquela pergunta carente de esperança (*Lys.* 524): 'Já não há um homem a sério nesta terra?' Desilusão que o passar dos anos se encarregou de concretizar. Com o fim da guerra e o nascer de um novo século, os sintomas da crise agravaram-se. Cedo ainda, as ruas regurgitavam de uma turba que acorria à assembleia, não sob o aguilhão do interesse público, mas

¹ Méton, visitante de Nefelocolândia em *Aves* 992 sqq., era bem conhecido como geómetra e astrónomo. A proposta que faz (1005-1009) de um esquema radial para a nova cidade, com a praça ao centro e ruas largas que dela partem como os raios de um astro, seria decerto ousada; interfere com o padrão ortogonal, ditado por Hipódamo de Mileto, assente numa rede perpendicular e paralela de ruas, a formar quarteirões rectangulares.

na esperança de receber o trióbolo, a senha de participação, como uma espécie de pensão de sobrevivência (*Ec.* 30-31).

Por entre os peões circulam as viaturas, como marca de uma classe abonada, que faz deste luxo um sinal de distinção e riqueza; 'túnicas de púrpura, coroa nos cabelos, sobre uma quadriga de ouro' (*Eq.* 967-969), elegantes aurigas atraem os olhos do comum dos mortais, ou enchem de orgulho famílias de nome lustroso, como a menina Mégacles com quem Estrepsíades juntou os seus trapinhos de aldeão (*Nu.* 15, 69-70).

A ágora representa o principal ponto de atracção de toda esta sociedade em movimento. Aí se fazem os negócios, se visitam os serviços públicos, lá fervilham os comentários sobre os assuntos do momento, ou simplesmente se cavaqueia ou se circula. A sua marca principal é um notório cosmopolitismo, próprio de uma metrópole destacada (*Av.* 37-38). De todas as partes do mundo grego ou do estrangeiro chegam compradores, vendedores ou meros curiosos. É disso exemplo o mercado utópico criado por Diceópolis sobre a imagem do coração comercial de Atenas, onde comparecem um Megarenses e um Beócio a oferecer especialidades regionais. *Agorázein* (cf. *Ach.* 720, 750) vinculou em definitivo a 'ágora' com o 'centro comercial'. Na sua evocação à Paz, patrocinadora generosa de abundância e bem-estar, Trigeu suplica o regresso aos velhos tempos de prosperidade, que retrata num mercado polícromo e farto (*Pax* 999-1005): 'Faz com que a nossa praça se encha de tudo quanto é bom: vindos de Mégara, alhos, pepinos temporãos, maçãs, romãs, e uns capotezinhos para os escravos; vinda da Beócia, gente com gansos, patos, pombos, carriças; do Copaís, as enguias aos cabazes'. Em contrapartida, Atenas tem também as suas especialidades bem conhecidas: 'anchovas do Falero e loiça' (*Ach.* 901-902, *Av.* 76). A riqueza e variedade de produtos exigiu, na praça, uma ordenação cuidada e regulamentos precisos. Nas palavras que Diceópolis pronuncia contra o acesso dos indesejáveis sicofantas (*Ach.* 725-726), parece adivinhar-se a fórmula convencional com que se reserva o direito de admissão. De resto, esse é um princípio que vigora no seu mercado, onde os Megarenses são admitidos na ficção cómica, apesar da exclusão legal a que a realidade política ateniense os condenara (*Ach.* 515-534, 729-730, 818-829). Em circulação permanente pelo mercado, os sicofantas, como fiscais do consumo, tratam da denúncia e da apreensão dos produtos em situação ilegal (cf. *Ach.* 910 sqq., 916 sqq., 926). Para conhecimento colectivo, avisos públicos são colocados em lugar bem visível (*Ach.* 727-728), a divulgar a regulamentação em vigor. A cobrança de um imposto de presença e de venda permite a Diceópolis a exigência, como taxa de acesso, de uma enguia do Copaís ao Tebano (*Ach.* 896-897). Menos atingidos pela censura pública do que os sicofantas são os *agoránomos* (*Ach.* 723-724, *V.* 1406-1407), incumbidos de missões de controle e de manutenção da ordem pública (*Ach.* 968), para o que se munem de chicotes de couro como uma força especial de intervenção.

Repartida em sectores distintos, a oferta é variada. Numa área, carnes desmanchadas e enchidos (*Eq.* 146-147, 417-420), noutra o peixe (*V.* 787-793, *Ra.* 1068); noutro espaço aves (*Av.* 14, 529-530), além reses (*V.* 169-171);

farta é, sem dúvida, a zona dos cereais e dos legumes, um sector que parece, juntamente com o da venda do pão, caracteristicamente feminino (*Eq.* 857, *Lys.* 457-458), onde discussões e rixas figuram no programa diário (*Lys.* 459-460, *Ra.* 868), perto das inevitáveis bancas do queijo e do mel (*Eq.* 852-854) e numa estranha vizinhança com a venda de couros. Mas não falta também a florista, que da venda de coroas e flores consegue, apesar de viúva, sustentar um rancho de filhos (*Th.* 447-448); o ourives (*Lys.* 408), o sapateiro (*Lys.* 414), ou mesmo os vendedores de livros e decretos, instalados na ágora ao lado de outros bens de consumo dos mais comuns (Aristómenes fr. 9 K.-A.; Êupolis fr. 327 K.-A.; *Ar. Av.* 1288; Nicofonte fr. 10. 4 K.-A.; Teopompo fr. 79 K.-A.); aí os locais de venda de livros eram populares e sobretudo atractivos para os jovens (cf. *Pl. Ap.* 26d), que lá poderiam encontrar, por preços aceitáveis, novidades atraentes. A agitação natural numa cidade em guerra reflecte-se na própria cadência comercial, numa aceleração inaudita de oferta e de procura (*Ach.* 549-554): ‘Eram odres, correias para os remos, gente a comprar pipos, alhos, azeite, réstias de cebolas, coroas, sardinhas, flautistas, narizes esmurrados’.

Há decerto o vendedor mais permanente e estável, que dispõe de uma banca de madeira para expor o produto (*pinakopôles*, *Av.* 14), a quem os clientes identificam já pelo nome; a par da vendeira ambulante que confecciona em casa os artigos de lã para os ir vender ao mercado (*Ra.* 1346-1351). Há também, nas redondezas, os prestadores de serviços, as lavandarias, por exemplo, onde se vai limpar um fato com uma nódoa renitente (*V.* 1127-1128), e que inundam o ar do cheiro perfumado das lixívias (*Lys.* 469-470).

A oferta obedece a regras de troca e venda de produtos. A troca directa, que isenta da intervenção do dinheiro, parece aceite com naturalidade; essa é uma prática que Diceópolis vulgarmente propõe aos fornecedores que abordam o seu mercado particular. Fazem também parte do processo as promoções, naqueles dias em que o preço das sardinhas cai ao mínimo (*Eq.* 644-650, 671-672), ou em que o sílfio atinge níveis quase de oferta (*Eq.* 894-898). As ervas aromáticas, que se acrescentam, como tempero, ao peixe podem também constituir uma espécie de brinde do fornecedor (*V.* 493-499). Na qualidade do serviço está contemplada a embalagem, cuidadosa e robusta, a proteger produtos frágeis, sobretudo em caso de exportação; situação de que é exemplo um sicofanta, réplica de qualidade, embalado ‘como se fosse loiça’ (*Ach.* 904-905), protegido sob camadas de palha para resistir à viagem (*Ach.* 926-928, 948-950).

Este é um espaço onde reinam as camadas populares e como que o berço daqueles a quem a sorte não bafejou. Assim o Salsicheiro de *Cavaleiros* sente-o como a sua casa e escola da vida, onde, à força de migalhas de pão e de tabefes, se criou, educado na dureza prática do dia-a-dia (409-414, 636). Para além da legenda que o distingue como um vendedor, para este político em potência Aristófanes encontra o nome de Agorácritos, baptizado a partir dessa ágora onde se formam as carreiras promissoras do momento (*Eq.* 1259-1260). Mas ao centro aflui a cidade inteira, com o objectivo concreto de satisfazer as necessidades do quotidiano, ou simplesmente em procura

de novidades ou para dois dedos de cavaqueira. Em torno de um petisco saudoso, como as cobiçadas enguias do Copaiás, acumulam-se, em chusma, os gulosos (*Pax* 1005-1015). Como termómetro das emoções colectivas, o mercado reúne, junto de pacíficas vendedeiras, militares armados, num conflito visual entre o verde viçoso das hortaliças ou o espectáculo familiar dos figos e das azeitonas, e a agressão metálica de elmos, lanças e escudos (*Lys.* 555-564, 633).

Mas há também os que simplesmente se passeiam, desde logo para exhibir aos olhos de todos sinais de luxo, modernice ou arrogância. A gente abonada tem tiques conhecidos, responsáveis por um estilo próprio de andar, negligente e sofisticado (*V.* 1168-1173). Incontáveis são os inúteis, entretidos a comentar, na praça ou nas barbearias, a vida própria ou a alheia (*Nu.* 1002-1003, *Av.* 1439-1445, *Th.* 577-578, *Pl.* 337-339), ou em eternas conversas pelas perfumarias, onde predomina o tom *snob* dos intelectuais da moda (*Eq.* 1375-1380). À população anónima misturam-se as figuras típicas, pontos precisos numa tela impressionista: de um Ctésias, sicofanta de mau agoiro², de um *gay* como Prépis³, de um Cleónimo⁴, um cúmulo de vícios de onde sobressaem a gulodice e a cobardia, de Hipérbolo⁵, fabricante de tochas e demagogo, de um Cratino de cabelos cortados à tigela⁶ (*Ach.* 842-859), ou naturalmente de uma personagem tão exótica quanto Sócrates, com a sua pose imponente, olhares de soslaio e pés descalços (*Nu.* 362-363), para não falar de tantos outros, no desfilar de uma galeria sem fim.

Agoreío e *agorázo* (cf., e. g., *Ach.* 41, *Eq.* 1373) traduziram, por isso, da ágora o deambular inútil e o paleio fiado, mais do que o bulício dos negócios ou da actividade. Em consequência, o centro comercial ganhou a imagem de um lugar a evitar por gente séria e responsável (*Nu.* 991, 1003), uma espécie de contraponto daqueles outros recintos que com ela confinam, sobretudo a Pnix, onde as decisões de facto determinantes para a vida da cidade são tomadas,

² O nome de Ctésias é-nos desconhecido, para além desta referência.

³ Tudo o que sabemos sobre Prépis reduz-se a esta acusação de maus costumes.

⁴ Cleónimo é frequentemente atacado por Aristófanes, mas apenas nas suas comédias mais antigas, o que pode significar que entretanto esta personalidade tenha morrido. O poeta acusa-o de demagogia (cf. *Eq.* 956-958), de gulodice (*Eq.* 1290-1299), de perjúrio (*Nu.* 400), de feminilidade (*Nu.* 672 sqq.) e sobretudo de cobardia. Em vários passos, Aristófanes refere um momento em que Cleónimo abandonou o escudo no campo de batalha, para mais facilmente salvar a pele (e. g., *Eq.* 1369-1372, *Nu.* 353, *Pax* 444-446, 1295-1304), o que, à luz da época, mais do que vergonhoso, era considerado crime e sujeito a procedimento legal.

⁵ Hipérbolo era um demagogo ateniense, negociante de tochas (cf. *Nu.* 1065, *Pax* 690), cuja fortuna, diziam alguns, fora ganha por meios muito duvidosos (cf. *Nu.* 1065-1066). O sucesso político adveio-lhe dos dotes oratórios, que pôs à prova nos tribunais atenienses. Sucedeu a Cléon como primeira figura na assembleia. Assim granjeou inimigos, entre os quais Nícias e Alcibiades que, combinando esforços, o levaram ao ostracismo.

⁶ Sobre a identidade de Cratino as opiniões dividem-se. Mas será pouco provável que se trate do poeta rival de Aristófanes, dada a idade avançada desse velho comediógrafo; deve tratar-se de alguém, desconhecido para nós. Aristófanes atribui a essa personagem uma moda então divulgada em Atenas, que consistia em cortar os cabelos do alto da cabeça, deixando os restantes compridos à volta.

e que, ao contrário da ágora, tendem, neste final de século, para o abandono (*Ach.* 19-20, 28-29). Só à força de uma corda encharcada em tinta vermelha, que a autoridade brande em dias de assembleia, os cidadãos, incomodados pela pressão e pelo opróbrio de uma nódoa que os carimba como incumpridores, se dignam finalmente dispor-se aos seus deveres (*Ach.* 21-22). E no entanto algo da vida política inundou também a ágora, lugar de comentário e de tramas partidárias (*Eq.* 854-857, *V.* 491-492) por parte dos seus frequentadores, e de proclamação ou de afixação de informações - consulta das listas de recrutamento militar (*Pax* 1179-1184) e dos últimos decretos entrados em vigor, gravados em *placards* (*Av.* 1286-1289), ou anunciados pelo arauto (*Ec.* 817-822).

Ínundada de gente, numa mescla de origens, de classes, de objectivos, ninguém se surpreenderia de que alguma marginalidade e insegurança tivesse invadido o centro de Atenas, no meio da degradação urbanística que a mesma concentração provoca. Tornaram-se frequentes os pequenos roubos, desde logo de bens de consumo no mercado; apanhar o vizinho desprevenido e roubar-lhe a panela do almoço poderá não ter sido uma situação propriamente rara (*Eq.* 744-745); pelas ruas, há sempre o risco de se levar com uma pedrada vinda de um lugar imprevisível (*V.* 221-222, 228-229, 246-247, *Av.* 524-525), ou de sofrer uma agressão ditada por uma bebedeira profunda (*V.* 1253-1255, 1322-1323, 1326-1330, 1388-1393), com probabilidade maior nos bairros degradados (*Ra.* 1093-1098); sobram ainda os insultos de que ninguém está livre (*V.* 542-545).

Mas é sobretudo a cumplicidade das trevas o que mais expõe o transeunte a perigos previsíveis. Em primeiro lugar, a sujeira acumulada ao longo do dia oferece, na escuridão da noite, barreiras invisíveis e desagradáveis, a que se vêm juntar os despejos e dejectos a céu aberto; são naturalmente as zonas periféricas as mais afectadas, junto às muralhas (*Ach.* 71-72), ou nos bairros mais pobres como o Ceramico (*Eq.* 772, 1245-1247, 1398-1403). Mas as ruas mais centrais não estão isentas de problemas equivalentes; também elas denunciam a mesma degradação urbana (*Ach.* 616, *V.* 256-257, 259, 394, *Pax* 99-101, 164-172, *Ec.* 320-322, 326) e sujeitam os últimos peões ao perigo dos assaltos (*Av.* 496-498, *Ec.* 544-546). Um nome ficou tristemente célebre, Orestes⁷, como de um marginal ou assaltante bem conhecido, a assombrar a tranquilidade nocturna das ruas de Atenas (*Ach.* 1161-1172, *Av.* 712, 1490-1493). E se o policiamento urbano, assegurado em geral por Citas (*Lys.* 451, 455), não parece ter sido suficiente para obstar a este tipo de desordem, os deuses, pelo menos, reservaram no inferno um lugar de punição para os que em vida molestaram os seus iguais (*Ra.* 772-774).

Eis uma tela que, para além de um ou outro toque de caricatura, na verdade devolve o quadro humano e social da Atenas clássica, em pleno séc. V a. C., detentora de traços que fazem, ainda hoje, a identidade de uma grande urbe e que se reconhecem na que é modernamente a capital da Grécia.

⁷ O trágico Orestes, o filho e vingador de Agamémnon, encarna aqui o tipo de um valdevinos, que vagabundeia fora de horas pelas ruas, bêbado, a incomodar os passantes.